



O amor na telenovela – sua representação em *Mulheres Apaixonadas*¹

Cláudia FIGUEIREDO-MODESTO²

Universidade Federal de Juiz de Fora (MG) / UNIPAC

Resumo

As várias percepções sobre o amor têm sido relevantes para a organização de várias culturas e sociedades porque, implicitamente, definem o que é apropriado e desejável nas relações entre os indivíduos, ou seja, o amor é uma construção social. São diversos elementos que compõem as histórias de amor e que estão presentes na vida dos sujeitos comuns e nas narrativas ficcionais. Por isso, o papel de construção de sentido também tem sido desempenhado pelas telenovelas brasileiras. Este artigo investigará as representações do amor na telenovela *Mulheres Apaixonadas*, de Manoel Carlos (2003), a partir da teoria do psicólogo canadense John Alan Lee, “Estilos de amor” (1988). Esta investigação destaca que os modelos de amor construídos a partir do discurso das telenovelas expõem retratos da realidade afetiva do país, demonstrando o que as pessoas já sabem ou imaginam saber sobre o assunto.

Palavras-chave: amor; telenovela; *Mulheres Apaixonadas*.

Introdução

Este artigo pretende investigar as várias representações do amor na telenovela brasileira *Mulheres Apaixonadas*, produzida e exibida pela Rede Globo, escrita por uma equipe coordenada pelo autor Manoel Carlos e dirigida por Ricardo Waddington, Rogério Gomes, José Luiz Villamarim, Ary Coslov e Marcelo Travesso. Foi exibida entre 17 de fevereiro e 11 de outubro de 2003, totalizando 203 capítulos. Teve 170 capítulos exibidos na versão internacional. Foi reprisada no Vale a Pena Ver de Novo a partir do dia 1º de Setembro de 2008. Seu último capítulo foi ao ar no dia 27 de fevereiro de 2009, totalizando 130 capítulos re-exibidos.

A trama apresentou os atores veteranos Christiane Torloni, José Mayer e Tony Ramos, além de Helena Ranaldi, Paloma Duarte, Camila Pitanga, Carolina Dieckmann, Giulia Gam, Regiane Alves, Marcelo Anthony e Dan Stulbach e nos papéis principais da história. (MULHERES APAIXONADAS)

¹ Trabalho apresentado no DT 04 – Comunicação Audiovisual do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

² Mestranda em Comunicação e Sociedade, Linha de Pesquisa Comunicação e Identidades, do PPGCom UFJF – MG. Professora da Universidade Presidente Antônio Carlos Filho (UNIPAC), em Juiz de Fora – MG. E-mail: figueiredo.claudia@hotmail.com



O escopo desta investigação se debruçará em três triângulos amorosos formados no primeiro escalão de personagens da telenovela. São eles: a) César-Helena-Téo; b) Marcos-Raquel-Fred; c) Heloísa-Sérgio-Vidinha.

Como embasamento teórico-psicológico, elegemos a teoria de John Alan Lee (1988) chamada “Estilos de amor”. Lee identificou sete tipos básicos de amor que as pessoas usam em suas relações interpessoais:

- . Eros - um amor apaixonado fundamentado e baseado na aparência física;
- . Psiquê - um amor "espiritual", baseado na mente e nos sentimentos eternos;
- . Ludus - o amor que é jogado como um jogo; amor brincalhão;
- . Storge - um amor afetuoso que se desenvolve lentamente, com base em similaridade;
- . Pragma - amor pragmático, que visualiza apenas o momento e a necessidade temporária, do agora;
- . Mania - amor altamente emocional, instável; o estereótipo de amor romântico;
- . Ágape - amor altruísta; espiritual.

Neste sentido, as personagens serão confrontadas com a escala de Lee, a fim de identificar as representações do amor em *Mulheres Apaixonadas*.

Ah! O amor

O filósofo grego Platão, que viveu nos anos 428-347 a.C., colocou o amor e, portanto, o desejo, como aquilo que está na base da força que nos impulsiona para a criação cultural. Em sua obra *O Banquete* afirma que quando um amante tem a sorte extrema de encontrar a sua outra metade, ficam os dois tão intoxicados com afeto, com amizade, e com amor, que não suportam ficar sem se verem um único instante. Este tipo de amor descrito por Platão vem sendo recontado, através dos tempos, em várias histórias; seja na literatura, nos folhetins, no cinema, nas radionovelas ou nas telenovelas.

Hatfield (1988) defende que todos internalizamos pressupostos, muitas vezes de forma semiconsciente, sobre o que é uma experiência de amor e esses pressupostos têm um profundo impacto nas experiências de amor que vivenciamos de fato. Desta forma, as ideias sobre o amor presentes na nossa cultura estão intrinsecamente ligadas à forma como interpretamos as nossas experiências, dentro do contexto social que vivemos.

As várias percepções sobre o amor têm sido relevantes para a organização de várias culturas e sociedades porque implicitamente definem o que é apropriado e desejável nas relações entre os indivíduos, ou seja, o amor é uma construção social.



Desta forma, os significados do amor dependem do período histórico, da temporalidade e das especificidades culturais a que estão submetidos. (NEVES, 2007)

É possível dizer, portanto, que as histórias construídas e contadas sobre o amor fazem parte de uma matriz cultural e, nessa medida, pertencem a um lugar e a uma época peculiar, acabando por ter uma função social reguladora.

De acordo com Brandão (2007, p. 167), “a teledramaturgia buscou, durante muitos anos, adaptações de obras literárias de autores como Júlio Verne, Alexandre Dumas, A. J. Cronin, Victor Hugo, Rafael Sabatini, Theodor Dreiser e Stephan Zweig, entre outros”.

Para recuperar clássicas histórias de amor, Costa (2000) reuniu em sua obra algumas delas, onde começou apontando para o culto ao sofrimento, a idealização do amor e os obstáculos enfrentados com o objetivo da realização plena do amor como a marca do modelo do amor cortês. Modelo esse que, segundo a autora, começa a instaurar a linguagem romântica, em que os poetas trovadores nomeiam aquilo “que os amantes modernos vão conhecer como paixão” (COSTA, 2000, p.17). O amor cortês é, portanto, o precursor do amor romântico.

A pesquisadora afirma que o amor romântico (tanto faz se na literatura da Idade Média, nos folhetins ou nas telenovelas) não teria como objetivo a liberação dos sentidos, mas a dolorosa intensificação do sentimento, através de metáforas de sentido religioso. A autora analisa que, assim como Tristão e Isolda, seríamos todos vítimas de uma ilusão verbal: a exaltação, em termos divinos, do desejo sexual. As narrativas que contam a história de Tristão e Isolda são permeadas por: encontros e separações; inúmeros obstáculos a serem vencidos; adultérios; mortes e assassinatos por amor; doenças por causa das separações e curas através dos reencontros, ou seja, através da paixão; vingança da esposa traída, o que acaba por levar à morte dos dois amantes.

Já a história de amor entre Abelardo e Heloísa é narrada em cinco cartas, publicadas pela primeira vez no final do século XIII, mas que já constituíam o imaginário amoroso antes mesmo da publicação. O amor impossível entre o filósofo e sua bela amante enfrenta muitos obstáculos: “primeiro a família, depois o convento para onde a noiva é enviada após o casamento e, por fim, a mutilação de Abelardo” (COSTA, 2000, p. 20). Além disso, a narrativa ficcional é repleta de episódios dramáticos: “a gravidez indesejada, um casamento às escondidas, a castração a sangue



frio, terminando com os amantes recolhidos à vida monástica” (COSTA, 2000, p. 19-20).

No século XVI, o casal Romeu e Julieta foi popularizado no imaginário amoroso, através dos escritos de Shakespeare. A história dos jovens de Verona que, contrariando o ódio entre suas famílias, entregam-se ao amor e acabam por encontrar a morte, também recebeu diferentes versões e interpretações.

Costa (2000) aponta ainda duas outras narrativas amorosas consagradas pela cultura: Cinderela e Madame Bovary. Baseado em um conto-de-fadas bastante popular na humanidade, “A gata borralheira” é publicado pela primeira vez em 1697, na França, por Charles Perrault. O mito da pobre menina reconhecida como especial e levada a uma existência superior através do amor de um príncipe é contado e recontado por diferentes culturas. A ascensão social através do casamento é apropriada por diversas narrativas ficcionais, entre elas, a telenovela.

Já a trajetória de Emma Bovary é publicada inicialmente na forma de folhetim, no século XIX, um período em que a “busca do amor, da realização pessoal e da felicidade tornou-se uma exigência burguesa comum” (COSTA, 2000, p. 33). Para Costa (2000, p. 31), Gustave Flaubert construiu Madame Bovary com diversos elementos românticos: “obstáculos, triângulos amorosos, ruptura com a ordem social e sonhos de ascensão”. Segundo a autora, a ilusão, como mostra Madame Bovary, logo se tornará um vício, uma droga consumida compulsivamente.

Todas essas narrativas ficcionais permeiam o imaginário contemporâneo acerca do amor: obstáculos, sofrimentos, dificuldades, sonhos, conquistas, alegrias, decepções, recompensas, separações, traições, vinganças, reencontros e, é claro, o final feliz. São diversos elementos que compõem essas e outras histórias de amor e que estão presentes na vida dos sujeitos comuns e nas narrativas ficcionais.

Costa (idem) explica que uma vez que o ser humano aprende a reprimir seus instintos, seja por questões éticas, culturais, morais ou religiosas, será preciso despertar artificialmente e simular emoções. Leituras ou “máquinas imaginativas, como a televisão, o rádio e o cinema, serão fontes inesgotáveis de experiências emocionais, baseadas em estímulos prazerosos como: paixão intensa, terror intenso, capazes de provocar inclusive reações fisiológicas” (COSTA, 2006).

Para Costa (2000, p. 110-111) o folhetim e a telenovela, prendendo o público em seus ganchos e próximos capítulos, prometendo um final feliz depois de separar os



amantes por uma sucessão de acontecimentos infelizes, conseguem atingir a estrutura psicológica desta personalidade romântica, que não visa a satisfação, mas a repetição do prazer³.

Andrade (2003, p. 83) concorda que “as telenovelas contam e recontam, nos mais diferentes contextos, histórias de amor”.

As representações de amor elaboradas nas telenovelas fornecem modelos, estruturas que refletem um “deve ser” das relações amorosas entre homens e mulheres. Elas impõem um discurso verídico sobre a natureza do amor, construindo uma concepção das paixões como um dom eterno e imutável. O amor ainda é nas telenovelas a força mágica, a-social, que transforma a pastora em princesa e a besta em príncipe encantado. (ANDRADE, 2003, p. 83-84)

Andrade (idem) afirma que nas telenovelas, as relações amorosas são construídas dentro de uma estrutura básica, com ingredientes permanentes, isto é, trata-se de se encontrar a felicidade através do parceiro ideal. Mas, o que é felicidade? É difícil definir rigorosamente a felicidade e ainda mais difícil definir medidas para ela. Desde a Antiguidade, os filósofos têm debruçado seus estudos sobre ela. Investigadores em psicologia desenvolveram diferentes métodos, como, por exemplo, o Inventário da Felicidade de Oxford (ARGYLE, 1987), que serve para medir o nível de felicidade de um indivíduo. Nestes métodos, levam-se em conta fatores físicos e psicológicos como envolvimento religioso ou político, estado civil, paternidade, idade, rendimento etc.

A economia do bem-estar defende que o nível público de felicidade deve ser usado como suplemento aos indicadores econômicos mais tradicionais, como o produto interno bruto, a inflação, etc.

Até mesmo a tão falada PEC da Felicidade, de autoria do senador Cristovam Buarque (PDT-DF), aprovada em 10 de novembro de 2010 pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ), a PEC 19/10, visa ressaltar que os direitos sociais elencados no artigo 6º da Constituição são essenciais à busca da felicidade. Ao justificar a proposta, Cristovam disse que a busca pela felicidade só é possível se os direitos essenciais estiverem garantidos. Segundo recente estudo de economistas brasileiros, citado pelo senador, fatores como renda, sexo, emprego e estado civil influenciam no nível de felicidade das pessoas. Pela PEC 19/10, o artigo 6º da Constituição passará a prever que "são direitos sociais, essenciais à busca da felicidade, a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a

³ Para as emoções associadas à felicidade, os filósofos preferem utilizar a palavra prazer. (FERRAZ, R. B. et all, 2007)



previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados”⁴.

Portanto, a busca da felicidade é inerente ao ser humano e esta representação também se dá no nível das narrativas ficcionais. Nas telenovelas, o amor tem sido representado como um caminho para o encontro desta felicidade almejada pelos sujeitos.

O amor em Mulheres Apaixonadas

A representação do amor na novela *Mulheres Apaixonadas* é feita através de narrativas que exploram o cotidiano familiar numa perspectiva intimista no que tange a construção das personagens, priorizando as mais diferentes manifestações amorosas e o papel que elas vêm cumprindo na busca da felicidade e no afastamento dos sofrimentos.

Mulheres Apaixonadas é, segundo o autor Manoel Carlos, uma “galeria de vários perfis femininos, tendo o amor como tema, já que a mulher e o amor são duas das muitas molas do mundo, ao lado do dinheiro e do poder” (CARLOS apud RIBEIRO, 2004, p. 28). “Talvez seja na trajetória das personagens femininas, assim como na das representações do amor e da sensualidade, que se expressa de maneira mais bem acabada essa capacidade de aglutinar experiências públicas e privadas que caracteriza as novelas” (HAMBURGUER, 1998, apud LOPES, 2002, p. 14).

É a lógica das relações pessoais, familiares que preside a narrativa dos problemas sociais. E aí parece residir o poder dessa narrativa, traduzir o público através das relações afetivas, ao nível do vivido, misturando-se na experiência do dia a dia, vivida ela mesma em múltiplas facetas, subjetiva, emotiva, política, cultural, estética, etc. (LOPES, 2002, p. 13)

A novela apresenta uma história central — a trajetória de Helena — e muitas tramas paralelas, que, em determinados momentos, assumem certo protagonismo. A narrativa se passa na cidade do Rio de Janeiro, com foco especial no bairro do Leblon, na zona sul da cidade carioca.

A protagonista Helena, após muitos anos de união com o músico Téo, começa a questionar se é feliz em seu casamento. Helena tem uma vida regrada, vive um relacionamento bom e estável com Téo, sem grandes brigas, mas também sem muita paixão. Eles têm um filho, chamado Lucas. Helena é professora de História e trabalha como diretora na Escola Ribeiro Alves (ERA), propriedade de seu marido e da sua

⁴ Disponível em <http://www.cristovam.org.br>



cunhada Lorena. Téo é saxofonista de uma banda de jazz, que tem como crooner a amiga Pérola, com quem no passado teve uma filha, Luciana, estudante de medicina. Pérola casou-se com o músico Ataulfo, também da banda de Téo, e com ele teve Jairo. Todos se relacionam como uma grande família.

O ponto crucial para as incertezas de Helena é a volta de César a sua vida. Quando conheceu Téo, Helena deixou o namorado, César, para se casar com o músico. Desde então, não o reencontrou mais. No primeiro capítulo da trama, Helena recebe a notícia de que César está morando no Rio de Janeiro e que ficou viúvo. Ela também descobre que ele é neurocirurgião na Clínica Dr. Ângelo Moretti, onde Luciana trabalha e que a filha dele, Marcinha, é aluna da ERA. Helena fica confusa com a novidade e passa a questionar ainda mais seu relacionamento com Téo.

Para todas as suas dúvidas sobre amor, casamento e desejo, Helena tem duas grandes amigas e confidentes: suas irmãs Hilda e Heloísa. A primeira tem um casamento feliz e apaixonado com Leandro, e acaba enfrentando um grande desafio quando descobre um câncer de mama. Já a segunda vive um casamento em crise com Sérgio, que está prestes a se desmanchar devido ao ciúme doentio que Heloísa sente do marido, chegando até mesmo a esfaqueá-lo.

No auge da separação de Helena e Téo, ela acaba se envolvendo com César (quando ele namorava sua enteada Luciana), e Téo decide contar para Helena, junto com sua ex-amante Fernanda - mãe de Salete - que Lucas, filho adotivo de Helena e Téo, é na realidade filho do músico com Fernanda. Porém, enquanto estão indo se encontrar com Helena, os dois são vítimas de uma troca de tiros no Leblon, e entram em coma.

Dentre os professores da ERA, está a professora de educação física Raquel. Ela mudou-se para o Rio, fugindo de seu marido violento, Marcos. Raquel sente uma profunda atração pelo aluno Fred e é correspondida, o que suscita o ódio de Marcos quando ele se muda para o Rio atrás da esposa. A relação entre Raquel e Fred também não é bem aceita pela mãe dele, Leonora, e por Marcinha, que é apaixonada pelo colega de turma. Marcinha é filha do médico César. Ele vive em uma mansão na Gávea com a mãe e os filhos e é amante de sua assistente Laura, que sonha casar-se com o médico após a morte da esposa Isabel. Esse romance não é aceito pelo filho Rodrigo, que culpa a falta de amor do pai pela morte da mãe. César acaba rompendo com Laura e envolve-



se com outra assistente, Luciana, filha de Téo. Apesar de ter sido casado e ter vivido vários relacionamentos passageiros, César nunca esqueceu Helena.

Helena vive com a família em uma bela cobertura no Leblon, no mesmo prédio em que vivem suas irmãs, Hilda e Heloísa, a cunhada Lorena e a família de Dóris.

Lorena foi casada com Rafael, gerente do Hotel Praia do Leblon — em que estão situados a delicatessen, o Nick Bar (onde Téo toca sax com sua banda) e uma agência de turismo. Ela é mãe de Diogo e de Vidinha, que se apaixona por Sérgio e tenta conquistá-lo através de diversas investidas. Vidinha é amiga de Dóris, que se envolve com Marcos.

Essas personagens compõem a trama central e algumas das tramas paralelas da novela, que trata de temáticas como a terceira idade, o câncer de mama, o homossexualismo, a virgindade, o alcoolismo, as violências doméstica e urbana, a doação de órgãos, o aborto, o amor doentio e seu tratamento através do Grupo Mada (Mulheres que Amam Demais Anônimas).

Permeando esses e outros temas, a narrativa de *Mulheres Apaixonadas* mostra a busca por amor e felicidade, realizada de maneira distinta pelas personagens. A partir da trajetória dos casais investigados, é possível caracterizar a forma como tais personagens vivenciam o amor e o tipo de relacionamento que constroem.

César, Helena e Téo

Helena, a protagonista de *Mulheres Apaixonadas*, busca o amor e a felicidade, seguindo seus impulsos e desejos: ela namora César, quando conhece Téo, e fica dividida entre dois homens. Faz a escolha por Téo, que abandona a esposa Pérola para se casar com Helena. Quinze anos depois, sentindo-se insatisfeita com o relacionamento, a professora coloca fim ao casamento com o músico, reencontra César e luta para conquistar o perdão de seu amor do passado. A articulação entre amor e felicidade é bastante evidente na fala da protagonista, para quem a vida sem amor seria, certamente, mais triste⁵. Essa associação também está presente em outras falas: “O que eu quero é andar na direção da felicidade, não importa onde ela esteja”⁶. A relação entre Helena e Téo é marcada por brigas e separações. Ainda que se tenha envolvido com uma garota de programa, Téo nunca deixou de amar a esposa, chegando a questionar as próprias atitudes. Em uma das tentativas de reatar o casamento com Helena, Téo decide fingir uma adoção para poder criar seu filho Lucas (com Fernanda) ao lado da esposa.

⁵ Capítulo 170, exibido em 02 de setembro de 2003, terça-feira.

⁶ Capítulo 20, exibido em 11 de março de 2003, terça-feira.



Helena sempre quis ser mãe, mas não conseguia sustentar a gravidez e chegou a perder dois bebês. O casal pensou em fazer uma inseminação artificial, mas ela desistiu quando Téo trouxe Lucas para ser adotado. O músico disse a Helena que o bebê era filho de uma empregada da fazenda, que morrera no parto, e ninguém sabia quem era o pai. Depois da adoção, Téo fez vasectomia, impedindo que Helena tentasse engravidar novamente. Assim, o casamento de Helena e Téo é permeado por traições e mentiras.

Para Helena, seu casamento com Téo tornou-se rotineiro demais: sem brigas, sem ciúmes, sem lágrimas, mas também sem alegria, sem fantasia, sem desejo. Ela decide então por uma separação definitiva. Téo reluta, mas não encontra outra forma a não ser seguir adiante mesmo ainda amando a ex-mulher. Já Helena tenta reatar seu relacionamento com César, que decide dar uma terceira chance a ela, ainda que demore um tempo para perdoá-la. A relação entre Helena e César é permeada por mágoas e pelo fantasma do passado. Helena e César casam-se no último capítulo de *Mulheres Apaixonadas*.

As telenovelas tratam, sempre, da história de um homem e de uma mulher que se encontram e se enamoram, mas até a concretização desse amor, deverão superar obstáculos. Assim, o amor nas telenovelas tem que ser mais forte do que o tempo, a distância e as desgraças mais terríveis, devendo superar todos os obstáculos que possam ser encontrados nas diferenças econômicas, culturais e sociais. (ANDRADE, 2003, p. 84)

A forma como esse triângulo amoroso foi construído apresenta uma representação do amor diferente das representações normalmente construídas pelas telenovelas para as protagonistas: não há a presença de uma heroína clássica, cheia de virtudes, que escolhe um bom moço para se casar. Helena opta por um homem “mulherengo”, “pai ausente”.

Muitos autores põem os erros de compreensão e as desconfianças como a causa das demoras da reunião do casal. Os amantes, vítimas de um mundo hostil e indiferente, pensam encontrar no eleito do seu coração um refúgio, mas a vida apresenta muitas provas a vencer: o ódio, a inveja, o ciúme. O encontro deve ser um processo, onde vemos o herói e a heroína gradualmente superarem as intrigas, as desconfianças e as suspeitas, até atingirem a maturidade final, com direito a casamento católico, de véu e grinalda. (ANDRADE, 2003, p. 85)

Andrade (2003, p. 87) lembra que “felicidade e casamento caminham juntos na vida”. O final feliz de Helena e César dá a entender que, enfim, a protagonista encontrou a felicidade perseguida, ao lado de um homem redimido pelo amor que sempre sonhou viver.



De acordo com a classificação de Lee (1988), a forma de Helena e César se amarem seria a representação de “Eros”, a parte consciente do amor que uma pessoa sente por outra. As cenas de sexo com Téo, o primeiro marido, são quase inexistentes, mesmo quando o ex-casal vivia momentos de reconciliação. Já as cenas eróticas e carinhosas entre Helena e César tinham como cenário a serra de Petrópolis, entre montanhas e lareira, jantares à luz de vela e encontros a sós. Trata-se da representação do amor que se liga de forma mais clara à atração física e, frequentemente compele as pessoas a manterem um relacionamento amoroso continuado. Nesse sentido também é sinônimo de relação sexual.

César vivenciava o amor tipo “Ludus” (LEE, 1988), quando o amor é uma brincadeira que muitas vezes se limita a uma única noite. O desafio da conquista é mais atraente do que a pessoa que se tenta seduzir. O conquistador evita os compromissos. Pode cultivar mais de uma relação ao mesmo tempo. Mesmo quando a ligação é duradoura, ele busca encontros fugazes durante o período, só para provar seus dotes de Don Juan⁷.

Já o amor não correspondido de Téo por Helena se enquadra na classificação “Philia” (LEE, 1988) que, em grego, significa altruísmo, generosidade. A dedicação ao outro vem sempre antes do próprio interesse. Quem pratica esse estilo de amor entrega-se totalmente à relação e não se importa em abrir mão de certas vontades para a satisfação do ser amado. Investe constantemente no relacionamento, mesmo sem ser correspondido. Sente-se bem quando o outro demonstra alegria. No limite, é capaz até mesmo de renunciar ao parceiro se acreditar que ele pode ser mais feliz com outra pessoa.

Marcos-Raquel-Fred

A professora de Educação Física, Raquel, se muda para o Rio de Janeiro fugindo do marido violento após um casamento de oito anos. Contratada pela Escola Ribeiro Alves, encanta-se pelo aluno Fred. Marcos, um rico advogado que não mede esforços para conseguir o que deseja, acaba descobrindo o paradeiro da mulher e força uma convivência marcada por ameaças, agressões e violência. Quando Marcos reaparece na vida de Raquel, Fred percebe que ela apanha do marido, não entende o motivo de sua submissão às agressões e quer ajudá-la a se livrar de Marcos. O relacionamento entre Raquel e Fred é marcado por companheirismo, confiança, cumplicidade e por um amor

⁷ Don Juan é um lendário libertino fictício, de quem história foi contada muitas vezes por autores diferentes. O nome às vezes é figurativamente usado como um sinônimo para sedutor.



diferente do que o que sustenta a relação entre ela e Marcos. Tentando afastar a mulher de uma vez por todas de Fred, Marcos o atrai para uma conversa, mas o carro em que estavam cai num penhasco e os dois morrem. Após a morte de Fred, todos passam a aceitar o amor entre a professora e o aluno, visto como anti-ético aos olhos da instituição escolar e alvo de preconceito da mãe do rapaz por conta da diferença de idade. A aceitação do romance pós-morte exibe a força do amor: não há obstáculos, preconceitos, instituições que possam vencer a força desse sentimento. Já a morte do vilão é percebida como punição. “A grande tradição necessita não só do castigo dos maus, mas também do sacrifício dos inocentes, puros, generosos. A tragédia restaura a ordem e a justiça, mas não necessariamente a felicidade” (ANDRADE, 2003, p. 88).

A história de Raquel, Fred e Marcos foi construída de modo a conquistar essa aceitação do romance entre a professora e o aluno adolescente pelo público. Raquel é colocada como a vítima da agressão do marido, que sofreu muito e merece viver o amor ao lado de outro homem. Marcos, por sua vez, é colocado no lugar de vilão, do agressor violento, punido com a morte no fim da narrativa. Na narrativa, Raquel enfrenta obstáculos para a realização plena do amor: o ciúme e o comportamento violento de Marcos e a diferença de idade e questionamento ético de seu relacionamento com Fred. Portanto, a configuração dos modelos de amor deste triângulo amoroso está estribada em dois pólos antagônicos. A empatia e a aceitação do público dependem da forma como as histórias são construídas, das características percebidas nas personagens e do modo como manifestam o desejo de vivenciar o amor. No caso do triângulo amoroso constituído por Raquel, Fred e Marcos, seu desfecho não é coroado com um *happy end*⁸. Como recompensa por tanto sofrimento, Raquel recebe um filho, fruto de sua única noite de amor com o jovem.

Segundo a escala de Lee (1988), o tipo de amor entre Marcos e Raquel é “Mania”, cujas principais características são: insegurança, possessividade e ciúme. A emoção gerada é quase obsessiva a ponto da pessoa querer ficar o tempo todo com o outro e está sempre exigindo uma prova de amor. Está sempre tentando atrair a atenção do outro em busca de afirmação. Este tipo de amor, somado ao machismo, pode contribuir para a instauração da violência entre o casal.

Já o amor entre Raquel e Fred pode ser classificado, de acordo com Lee (idem), como “Storge”. É o nome da divindade grega da amizade. Por isso, quem tende a ter

⁸ Final feliz.



esse estilo de amor valoriza a confiança mútua, o entrosamento e os projetos compartilhados. O romance começa de maneira tão gradual que os parceiros nem sabem dizer quando exatamente. A atração física não é o principal. Os “namorados-amigos” não tendem a ter relacionamentos calorosos, mas sim tranquilos e afetuosos. Preferem cativar a seduzir. E, em geral, mantêm ligações bastante duradouras e estáveis. O que conta é a confiança mútua e os valores compartilhados. Os amantes do tipo Storge revelam satisfação com a vida afetiva.

Heloísa – Sérgio - Vidinha

Desde o início da novela, Heloísa demonstra possessividade e ciúme em relação ao marido Sérgio. No decorrer da novela, este sentimento se revela obsessivo. Sérgio se sente sufocado com as pressões da esposa e o casal passa a viver um amor destrutivo. Heloísa sente como se tudo ameaçasse o relacionamento do casal e tenta controlar a vida e até os sonhos de Sérgio. Ela está sempre em buscas de pistas de infidelidade. O medo de perder Sérgio consome seus pensamentos e suas atitudes passam a ser descontroladas. Percebendo que Heloísa está fora de si, as irmãs a levam para conhecer o grupo MADA (Mulheres que Amam Demais Anônimas), mas Heloísa só passa mesmo a frequentar as reuniões do grupo quando em uma discussão acalorada Sérgio recebe uma facada da esposa. Todas as atitudes de Heloísa são justificadas em nome do amor que sente por Sérgio. Para Heloísa, somente o relacionamento com Sérgio é fonte de realização em sua vida, e ela coloca no marido a responsabilidade por sua felicidade. Depois de tentar matar a vizinha, Vidinha (filha de Lorena), por ciúmes da amizade entre ela e o marido, Heloísa é internada numa clínica psiquiátrica. Depois de receber alta, continua o tratamento para tentar se curar, mas não consegue reascender o amor de Sérgio por ela. Sérgio se envolve com Vidinha e termina a novela neste novo relacionamento. Ao reencontrar o ex-marido na festa de formatura da escola, Heloísa diz que já aceitou a separação, que não vai mais exigir o amor dele e espera que um dia consiga se livrar do sentimento que nutre por ele. Ela deseja que ele e Vidinha se casem e tenham muitos filhos. Sérgio fica perturbado com as palavras e a beleza de Heloísa na festa. Ele ainda não esqueceu a esposa, o amor que sentia por ela parece não ter acabado, mas tentará ser feliz novamente, ao lado de outra mulher. Vidinha, por sua vez, termina nos braços do homem que considerava bonito, viril e que lhe despertava desejos sexuais.



Em *Mulheres Apaixonadas*, foi a primeira vez que a temática das mulheres que amam demais integrou a história de uma telenovela na forma de merchandising social⁹ e o grande público foi apresentado ao grupo MADA. Na narrativa, o obstáculo que impede a realização do amor de Heloísa e Sérgio é o ciúme obsessivo dela em relação ao marido, ou seja, a doença da personagem. Apesar de ter levado informação à massa de telespectadores, a novela apresentou uma mulher adoecida estereotipada, deturpando os propósitos do grupo MADA. “Mulheres do grupo relataram que a personagem ganhou outro nome nas ruas, o de “Helouquisa”, termo estereotipado adotado no programa “Casseta & Planeta”, da TV Globo, numa sátira à novela” (FIGUEIREDO-MODESTO; ROSA, 2010, p. 11). A apreciação da telenovela é vista, então, como fundada na “radical ambiguidade das relações entre o que é objeto de percepção no mundo e o que é objeto de fantasia, sem se verem obrigados ou a confundir os dois termos ou a opô-los categoricamente” (LUZ, 1998, p.241).

Mais uma vez não houve o tradicional final feliz. O relacionamento de Sérgio e Heloísa não foi coroado com o happy end. Ainda que Sérgio tenha terminado a narrativa ao lado de outra mulher, ele não parece feliz. O ciúme de Heloísa teve uma representação exacerbada em relação a outras personagens com tais características.

Na classificação de Lee (1988), o amor entre Heloísa e Sérgio se enquadra no tipo “Mania”, um amor experimentado de uma forma obsessiva e que domina muitos momentos e pensamentos. A pessoa sente necessidade de se fundir completamente com o amado, chegando a adoecer quando imagina não estar sendo correspondida.

Já o sentimento de Sérgio pode ser classificado, na escala de Lee (idem), como “Pragma” (do grego, “prática”, “negócio”) é uma forma de amor que privilegia o lado prático das coisas. O indivíduo avalia todas as possíveis implicações antes de embarcar num romance. Se o namoro aparente tiver futuro, ele investe. Se não, desiste. Cultiva uma lista de pré-requisitos para o parceiro ou a parceira ideal e pondera muito antes de se comprometer. Procura um bom pai ou uma boa mãe para os filhos e leva em conta o conforto material. É um tipo de amor interessado em fazer bem a si mesmo, amor que espera algo em troca.

Já Vidinha sente o amor “Eros”, do tipo que sente atração imediata pelo parceiro. Essa atração é causada principalmente pela aparência. A sexualidade

⁹ Inserção de temáticas sociais e mensagens educativas nas tramas e enredos das telenovelas e/ou minisséries.



desempenha um papel muito importante e pode começar logo no início do relacionamento. Não está à procura do amor, mas não teme se entregar a ele.

Essas diversas representações do amor nas telenovelas são formas de reconhecimento que se tornam possíveis porque acionam mecanismos de recomposição da memória. (BORELLI, 1996, p.76).

Considerações Finais

A partir do que foi exposto é possível perceber que existem diferentes possibilidades de construções do amor em *Mulheres Apaixonadas*. As personagens buscam o amor de maneiras distintas, ainda que a grande maioria das ações evidencie o amor como um valor essencial na vida de todos. Os modelos de amor construídos a partir do discurso das telenovelas suscitam os sujeitos a falar sobre o tipo de amor que eles desejam vivenciar em sua experiência concreta.

A partir deste trabalho foi possível elencar elementos embaixadores da experiência amorosa na sociedade contemporânea e a forma como são representados na telenovela. A análise revelou que as tramas amorosas procuram estabelecer uma tipologia do amor em pares contraditórios: o amor bom e o amor ruim, o amor do herói e o amor do vilão. A pesquisa evidenciou, também, que, na interface entre telenovela e público, nem sempre há convergências de sentidos em relação ao amor e nem sempre o final feliz está presente. No entanto, a busca pelo amor ideal como forma de se atingir a felicidade é uma constante na narrativa televisiva.

A telenovela espelha e transmite o que apreende da sociedade, tal como se fosse um espelho capaz de refletir e, ao mesmo tempo, poder ser atravessado por pessoas reais na condição do seu grande público e no papel dos produtores da programação. *Mulheres Apaixonadas* discute com o seu público como deve ser o amor na moderna sociedade brasileira, apontando tendências e diferenças, a partir, sobretudo, do olhar e da vida das classes médias urbanas do Rio de Janeiro, incluindo, simbolicamente, todos os telespectadores de ponta-a-ponta do Brasil na modernidade contemporânea. Deste modo, constroi retratos da realidade afetiva do país, demonstrando o que as pessoas já sabem ou imaginam saber sobre o assunto.



Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Roberta Manuela Barros de. **O Fascínio de Sherazade: os usos sociais da telenovela**. São Paulo: Annablume, 2003.
- ARGYLE, M.. **The psychology of happiness**. London: Methuen, 1987.
- BRANDÃO, C. A radicalização de Beto Rockfeller: o discurso contemporâneo da telenovela brasileira. In: COUTINHO, Iluska; SILVEIRA JR, Potiguara Mendes da (orgs). **Comunicação: tecnologia e identidade**. Rio de Janeiro : Mauad X, 2007.
- BORELLI, Silvia Helena Simões. **Ação Suspense, emoção: Literatura e cultura de massa no Brasil**. São Paulo: EDUC, Estação Liberdade, 1996.
- CAMPBELL, Colin. **The romantic ethic and the spirit of the modern consumerism**. Londres, Blackwell, 1989.
- COSTA, Cristiane. **Eu compro essa mulher - Romance e consumo nas telenovelas brasileiras e mexicanas**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.
- _____. **"Eu compro essa mulher" - Excerto do livro de mesmo título**. 2006.
Disponível em < <http://www.marketing-e-cultura.com.br>> Acesso em 20 de dezembro de 2010.
- FERRAZ, R. B. et all. **Felicidade: uma revisão**. Rev. Psiq. Cli. 34 (5); 234 – 242, 2007.
- FIGUEIREDO-MODESTO, Cláudia; ROSA, Renata Marçal. **MADA: a construção de identidade na telenovela Mulheres Apaixonadas através do marketing social**. Trabalho apresentado no GT Produção e Recepção no XIV Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação – Celacom 2010, São Paulo (SP), 17-19 de maio de 2010.
- HATFIELD, Elaine. "Passionate and Companionate Love." In: STERNBERG, Robert, and BARNES, Michael (Eds.). **The Psychology of Love**. New Haven: Yale University, 1988. p. 191-217.
- LEE, John Alan. Love-Styles. In: STERNBERG, Robert J.; BARNES, Michael L. (orgs.). **The Psychology of Love**. New Haven: Yale University, 1988.
- LOPES, Maria Immacolata et al. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade**. São Paulo:Summus, 2002.
- _____. **Narrativas Televisivas e Identidade Nacional : O Caso da Telenovela Brasileira**. Trabalho apresentado no NP14 – Núcleo de Pesquisa Ficção Seriada, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro. 2002.
- MULHERES APAIXONADAS. Disponível em <<http://mulheresapaixonadas.globo.com>> Acesso em dezembro, janeiro de 2011.
- NEVES, Ana Sofia Antunes das. **As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do "amor confluyente" ou o retorno ao mito do "amor romântico"?**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 15, n. 3, Dec. 2007 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 03 de janeiro de 2011.
- PEC da Felicidade passa na CCJ. Disponível em < <http://www.cristovam.org.br>>. Acesso em 17 de dezembro de 2010.
- Platão. **O Banquete**. Lisboa: Edições 70, 1991.
- RIBEIRO, Gustavo Rogério Borges. **Narrativas do cotidiano: o estudo de caso da telenovela Mulheres Apaixonadas**. Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Faculdade de Ciências Sociais do Centro Universitário Newton Paiva, 2004, 56p. Disponível em < <http://globoeuniversidade.globo.com/GUniversidade/upload/gustavoborges.PDF>> Acesso em 03 de janeiro de 2011.